

## REDES SOCIAIS: UMA ANÁLISE BASEADA NOS RELATÓRIOS DE GESTÃO DE UMA CASA FAMILIAR RURAL DO SUDOESTE DO PARANÁ

## SOCIAL NETWORKS: AN ANALYSIS BASED ON MANAGEMENT REPORTS OF RURAL FAMILY HOUSE OF SOUTHWEST PARANÁ

MASSUCATTO, Nayara  
naymassucatto@gmail.com  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Pato Branco.

MARINI, Marcos Junior  
marini@utfpr.edu.br  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Pato Branco.

ALMEIDA, Antonio Cavalcanti de  
antonioavalcant@hotmail.com  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Pato Branco.

**Resumo** A Pedagogia da Alternância (PA) trata-se de um modelo de ensino adotado pelas Casas Familiares Rurais no Brasil (CFR), cuja finalidade é desenvolver o protagonismo do jovem agricultor e seu meio. As redes sociais são sistemas de elos e relações que evidenciam a estrutural social. Quanto mais fortalecida for essa rede, maior será a probabilidade do desenvolvimento daquele determinado grupo. Este trabalho tem por objetivo verificar como se organiza a rede social de uma Casa Familiar Rural localizada no Sudoeste do Paraná. Essa pesquisa se caracteriza como de caráter documental. Primeiramente, foi realizada uma revisão de literatura sobre PA, capital social e redes sociais. Em seguida, foram analisados os relatórios de gestão da CFR dos anos de 2011, 2012 e 2013. Os resultados obtidos apontam a inexistência de uma rede social nas relações sociais, políticas e institucionais da CFR e que isso implica na dificuldade em atingir os objetivos da PA.

**Palavras-chave** Casa Familiar Rural. Desenvolvimento. Rede social.

**Abstract:** The Pedagogy of Alternation (PA) is a teaching model adopted by the Rural Family Houses (CFR) in Brazil, whose purpose is to develop the role of the young farmer and the environment in which he is inserted. Social networks are systems of links and relationships that serve as the social structure. How much stronger is this network, better to be the development of that particular group. Thus, this study aims to determine how it organizes the social network of a Rural Family House, located in the Southwest Paraná. This research is characterized as documentary character. Firstly was realized a literature review about PA, social capital and social networks. Then, were analyzed the management reports' CFR of the years 2011, 2012 and 2013. The results reveal the lack of a social network in the relations of the CFR and that entails the difficulty in achieving the goals of the PA.

**Key-words:** Rural Family House. Development. Social network.

## 1 INTRODUÇÃO

A Pedagogia da Alternância (PA) é uma modalidade de ensino para a educação do campo e para a formação profissional que alterna períodos de tempo e espaço entre escola e, no caso do meio rural, com a propriedade familiar. Trata-se de um método baseado na experiência e no protagonismo social, cultural e econômico.

Pode ser entendida como um processo de capacitação e protagonismo no mundo rural. Diante da sobreposição urbana, a PA encaminhou-se para a construção de um sistema educacional que fosse voltado à realidade dos moradores do campo com a finalidade de tornar o jovem protagonista do seu meio (BEGNAMI, 2003). Atualmente, as Casas Familiares Rurais são centros que adotam o modelo da PA.

Os princípios desse modelo buscam a formação integral do jovem e o fortalecimento de suas relações com a família e comunidade, além do desenvolvimento do meio rural. A articulação proposta por seus instrumentos pedagógicos contribuirá com o crescimento produtivo na unidade familiar. Ademais, por ser um método baseado na experiência, no qual a escola não é a única responsável no processo formativo, existe o estímulo à produção e acúmulo de capital social.

Dessa forma, o presente trabalho buscou verificar como se organiza a rede social de uma Casa Familiar Rural do Sudoeste do Paraná<sup>1</sup> e como suas relações impactam no seu funcionamento. O trabalho foi organizado, em quatro sessões: 1ª) a presente introdução; 2ª) o referencial teórico que embasou a análise e discussão dos dados: breves considerações sobre a PA, capital social e redes sociais; 3ª) a metodologia utilizada na pesquisa; 4ª) análise dos relatórios de gestão da CFR referente aos anos de 2011, 2012 e 2013, quanto a formação de redes sociais; e por fim, a 5ª) com as considerações acerca dos principais pontos levantados pela pesquisa.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

---

<sup>1</sup>Para preservar a integridade da CFR envolvida na pesquisa, foi adotado um nome fictício para mesma, bem como para algumas instituições citadas neste trabalho que poderiam identificar a Casa.

A presente fundamentação teórica consiste em apontar os principais aspectos referentes a Pedagogia da Alternância, capital social e redes sociais. Estes são três elementos que se correlacionam. A PA é um modelo de Educação do Campo que se propõe oferecer aos jovens um processo de formação integral, para além da formação básica e, dessa maneira, contar com a contribuição de todos os indivíduos envolvidos na realidade dos jovens, como família, comunidade e escola.

A integração promovida por intermédio da articulação dos instrumentos pedagógicos diferenciados da PA permite o desenvolvimento de elementos como a confiança e a reciprocidade que compõem o capital social daqueles sujeitos. Da mesma maneira, o capital social, quando existente, promove o fortalecimento das relações entre os sujeitos e de seus laços, formando redes sociais que contribuem diretamente para o desenvolvimento do meio. Assim, tem-se uma proposta educativa aliada a formação do capital social e de redes sociais.

## 2.1 A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: BREVES CONSIDERAÇÕES

A Pedagogia da Alternância é um modelo de Educação do Campo criado na França em 1935. Sua origem se deu pela frustração dos agricultores que passavam por um período de crise oriundo da I Guerra Mundial, uma vez que não existia uma educação básica que atendesse às necessidades dos jovens do campo.

Diante do êxodo rural que se instaurava, um grupo de agricultores do Sudoeste da França, em parceria com a Igreja Católica, desenvolveu um método cuja finalidade era propiciar a profissionalização em atividades agrícolas como forma de fomentar o desenvolvimento social e econômico da sua região e que fosse compatível com o calendário agrícola e com as necessidades sazonais de mão de obra dos pequenos agricultores (TEIXEIRA, *et al.* 2008).

Posteriormente, o método da PA se espalhou pelos cinco continentes, onde sua maior abrangência foi na América do Sul e na África. No Brasil, chegou em 1969 também por iniciativa da Igreja na busca para fortalecer o desenvolvimento local e superar as condições de pobreza existentes no meio rural.

Teixeira e Antunes (2011) ressaltam que a PA foi desenvolvida tendo como base quatro princípios: a própria alternância que prima pela experiência; 2) a ênfase

na Formação Integral do jovem para garantir sua autonomia; 3) a participação das famílias na condução do projeto educativo e na gestão da escola; 4) o desenvolvimento do meio.

**Figura 01:** Os Quatro Pilares dos Centros de Formação por Alternância



**Fonte:** Garcia-Marirrodrgia; Calvó (2010).

Como se percebe na figura acima, os objetivos e os meios formam os pilares que sustentam a PA e fazem dela um método diferenciado, pensado para atender às necessidades do jovem que vive no contexto rural, tendo em vista também o desenvolvimento do meio e a participação da comunidade local.

Os quatro princípios formam, portanto, um modelo complexo de ensino, pois articulam-se de modo a interligá-los no processo de formação, a fim de manter o sentido de cada um sem produzir saberes de maneira isolada. Além disso, a PA possui instrumentos pedagógicos específicos e responsáveis por articular esses pilares.

**Figura 02:** Instrumentos Pedagógicos utilizados pela PA.

Instrumentos pedagógicos		Classificação
Pesquisa Participativa Plano de Formação Temas Geradores	- Plano de Estudos - Pesquisa da Realidade - Caderno da Realidade - Estágio	<b>Instrumentos e atividades de pesquisa</b>
	- Atendimento Individual - Colocação em Comum - Caderno Pedagógico - Visita à Família	<b>Instrumentos e atividades de comunicação/relação</b>
	- Visita de Estudos - Serão de Estudos - Intervenções Externas - Projeto Profissional de Vida do Jovem	<b>Instrumentos didáticos</b>
	- Avaliação Semanal - Avaliação Formativa	<b>Instrumentos de avaliação</b>

**Fonte:** Adaptado de UNEFAB (2014).

Os instrumentos são responsáveis pelo modelo diferenciado que faz da teoria da PA um meio educativo capaz de fortalecer o campo e possibilitar o desenvolvimento local diante das exigências do mercado, pois estimula o desenvolvimento da comunidade a partir dos recursos oriundos dela mesma. A integração promovida entre escola, família e comunidade estabelece diversos tipos de relações. São atividades que produzem diferentes tipos de ativos<sup>2</sup> em prol do protagonismo dos indivíduos do campo.

Muitos desses ativos compõem o capital social daquele determinado grupo e ele torna-se um importante trunfo para o desenvolvimento dos sujeitos e do seu meio. Dessa forma, faz-se necessário compreender o que a literatura apresenta sobre capital social e sua importância para a melhoria de vida e bem estar dos indivíduos.

## 2.2 CAPITAL SOCIAL

Como visto no item anterior, a Pedagogia da Alternância é um modelo de ensino que por meio de seus instrumentos pedagógicos pode incentivar a produção de capital social, um importante aliado no processo de desenvolvimento tanto dos sujeitos, quanto do local em questão. Assim, torna-se relevante compreender como esse tipo de capital pode contribuir com a melhoria na qualidade de vida a partir da educação.

O conceito de capital social, nos últimos anos, vem apresentando uma crescente disseminação, não sendo foco apenas nas ciências sociais, mas apropriado também por agências de desenvolvimento e instituições governamentais, como a BIRD (Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento), uma instituição ligada a ONU (Organização das Nações Unidas), cuja finalidade é promover o desenvolvimento econômico e social, e instituições não-governamentais que não possuem fins lucrativos, mas prestam serviço à população em prol de diversas causas. Essa conceituação é marcada por uma polissemia, podendo apresentar diversas conceituações tanto na administração, sociologia e ciência política.

---

<sup>2</sup> Estoques, recursos, direitos e acessos (PERONDI, 2007).

Atualmente, existem duas abordagens teóricas de estudos sobre capital social, denominadas Neo-institucionalista e Histórico-Culturalista, sobretudo na ciência política norte-americana que influencia outras áreas e continentes. Estas, são duas abordagens complexas com muitos aspectos convergentes e divergentes quanto às ações coletivas, instituições e papel do Estado. Especificamente, no presente trabalho será abordada a corrente culturalista, pois como assevera Robert Putnam, a complementação entre as ações institucionais públicas e as ações coletivas fortalecem o engajamento cívico (ABU-EL-HAJ, 1999).

Segundo Putnam (1996, p. 177), compreende-se por capital social as “[...] características da organização social, como confiança, normas e sistemas, que contribuam para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas”. As relações baseadas em recursos morais podem contribuir para o desenvolvimento social.

O capital social para Coleman (1988) seria, portanto, uma variedade de diferentes entidades que possuem algumas semelhanças, ou seja, uma estrutura social que facilitasse as ações dos indivíduos que estão presentes nessa estrutura.

Putnam (1995a) afirma que as experiências de mobilização e atuação de forma coletiva acumulam um capital social derivado dos laços de confiança mútua entre os cidadãos, o que incentiva o engajamento cívico. A confiança é um tipo de capital social, que, segundo Putnam (1996), é uma espécie de recurso cuja oferta irá aumentar com o seu uso. Ela é uma resposta à questão de que as atitudes cooperativas sempre possuem um caráter individualista. A confiança é base para a produção de capital social. Por meio dela são interiorizados valores morais que permitem a estruturação das relações sociais.

O autor considera que a cultura, política e história particular determinam a existência ou não do chamado associativismo horizontal, base para o engajamento cívico. O sistema político seria o reflexo da hierarquia, coesão e autoridade de cada localidade e suas particularidades.

Todos os tipos de sociedade, conforme Putnam (1996), se caracterizam pelos sistemas formais ou informais de intercâmbio e comunicação interpessoais. Alguns são denominados “horizontais” e outros “verticais”. Os primeiros se estruturam por

atores com o mesmo status de poder, enquanto os segundos apresentam desigualdades em relações assimétricas de hierarquia e dependência.

Dessa forma, os sistemas de participação cívica representam intensa interação horizontal, juntamente como associações comunitárias, cooperativas, entre outros. Esses sistemas são considerados uma forma de capital social, pois quanto mais desenvolvidos forem em uma comunidade, maior será a chance de os cidadãos tornarem-se capazes de cooperar em benefício mútuo (PUTNAM, 1996).

As regras que fortalecem a confiança social facilitam a cooperação. A reciprocidade é uma das regras mais importante. Ela pode ser balanceada ou generalizada. A primeira trata-se da permuta de itens de igual valor, enquanto a segunda diz respeito a uma troca contínua que pode gerar falta de correspondência, mas com expectativas de que o favor seja concebido no futuro (PUTNAM, 1996).

A reciprocidade existente em um local gera cooperação mútua, porque os atores sentem-se mais seguros em relação aos demais, tanto quanto sobre investimentos e produção. A confiança oriunda dessa reciprocidade fortalece os laços sociais e econômicos de maneira coletiva, superando o individualismo.

O capital social é inerente às relações entre os atores. Ele não se apresenta como instrumento físico de produção. A relação entre os atores pode construir e reconstruir o capital social a partir das organizações intencionais, como por exemplo quando informações são compartilhadas a respeito dos preços industriais (COLEMAN, 1988). Esse processo gera o entendimento daquele determinado contexto e, assim, decisões mais adequadas podem ser tomadas. Conseqüentemente, um ator passa a confiar no outro e devolver novas ações como forma de agradecimento, criando um ciclo de reciprocidade e cooperação.

No entanto, de acordo com Putnam (1996), a incapacidade de cooperar para um benefício coletivo não significa necessariamente ignorância ou irracionalidade, pois quando falta um compromisso mútuo confiável, os atores preferem desertar, ou seja, tornar-se individualistas com medo de serem explorados.

Formou-se um cenário baseado no individualismo diante das mudanças tecnológicas oriundas da modernidade. Tais mudanças estão privatizando o lazer. Por conta disso, as ligações sociais estão sendo enfraquecidas. Todos os segmentos sociais sofrem algum impacto por conta da diminuição da conexão social associada

ao declínio da confiança (PUTNAM, 1995b). Como os riscos foram aumentando e o conhecimento científico não conseguiu resolvê-los, um embate passou a existir entre aqueles que controlam o mercado e os que são dependentes dele. A confiança foi danificada e os indivíduos deixaram de acreditar em tudo o que lhes era exposto.

Em relação a isso, pesquisadores descobriram que escolas bem-sucedidas diferem-se mais pela trama formada com famílias e comunidade, do que com o currículo e qualidade dos docentes. Para tanto, as relações de confiança passaram a ser um elemento menos relevante na educação, uma vez que não são estruturadas em todos os centros de ensino (PUTNAM, 1995b).

O nível de confiança entre os atores está relacionado com o capital social e influencia diretamente a ação coletiva do grupo. Essa confiança se dá em parte pelo acesso a informação local e geral, seja pelos meios de comunicação ou fontes pessoais. As normas, instituições e relacionamentos compartilhados, que compõem o capital social, permitem a cooperação dentro ou entre grupos sociais. Assim, se formam as redes, e o capital social se torna um recurso a partir dos fatores culturais políticos e sociais dos grupos. Entender, portanto, sua constituição pode favorecer o desenvolvimento e a inclusão social, especificamente das comunidades (MARTELETO; SILVA, 2004).

Por fim, o capital social como um recurso pode ser produzido e utilizado por sociedades que compõe as partes de um sistema, de modo a contribuir com o desenvolvimento local, com o bem estar social e com a formação de redes institucionais que fortalecem esse desenvolvimento, proporcionando a seus atores o protagonismo e a inclusão social, econômica e política dentro do seu contexto.

Para tanto, o próximo item aborda os principais aspectos no que tange a literatura sobre redes sociais, visto que o seu fortalecimento se dá por meio da produção de capital social. Os laços que compõem as redes são mantidos por essa produção. Além disso, é por meio das redes que a produção de capital se reforça, ou seja, cria-se em vínculo de contribuições de um para com outro.

## 2.3 REDES SOCIAIS

A ação coletiva representa a necessidade dos indivíduos e organizações em manter os interesses em comum para desencadear ações e produzir capital social que atinjam objetivos compartilhados, como bens coletivos, e que também evitem os males existentes. Muitas dessas ações formam redes sociais baseadas nas relações tanto internas de cada grupo, quanto com demais grupos e instituições.

Dessa forma, o estudo das redes sociais coloca em evidência um elemento social moderno que ainda é pouco explorado: o fato dos seres humanos, dotados de recursos e capacidades, organizarem suas noções nos próprios espaços em função da mobilização gerada pelo próprio desenvolvimento das redes. Mesmo sendo oriundos de relações sociais informais, os efeitos das redes podem ser sentidos fora do seu espaço, nas interações com o Estado e com outras sociedades e instituições. Para além, as decisões em nível micro são influenciadas pelo macro por conta da preservação dessas relações (MARTELETO, 2001).

Nesse sentido, segundo Marteleto (2001), a noção de rede torna-se importante para analisar as relações sociais e econômicas de um determinado contexto. Entre a variação de significações está aquela que define uma rede como um sistema de modos e elos com apoio de um sistema físico que se parece com uma árvore.

No entanto, conforme Oliveira (2008), qualquer que seja a definição adotada, as relações irão apresentar um contexto de reciprocidade e interdependência, sistemas de interconexões múltiplas, acesso à informação na aprendizagem e difusão da inovação e a assimetria.

Por conta desses elementos, existe nos estudos sobre redes a análise de redes, cuja finalidade é realizar um diagnóstico estrutural que necessita de dados empíricos complementares para identificar os elos e relações entre os atores. Ela pode ser aplicada em diferentes estudos sobre diversas situações e questões sociais (MARTELETO, 2001).

Wasserman e Faust (1994) ressaltam que a análise de rede operacionaliza as estruturas em termos de rede de ligações entre essas unidades. As perspectivas padrões das ciências sociais ignoram, geralmente, essas informações relacionais.

Para Scott (2000), as configurações sociais, denominadas por Jacob L. Moreno (1934), são formadas por padrões concretos de escolha interpessoal como atração, repulsão, amizade e outras relações que envolvem os indivíduos. Elas são a base sob

o qual, os chamados “agregados sociais”, como economia e Estado, se sustentam e se reproduzem ao longo do tempo. Segundo o autor, a análise de redes foi encarada como uma forma de se preocupar especificamente com as relações interpessoais informais.

Essas relações podem ser díades, quando a ligação se estabelece entre dois atores ou tríades, quando existem ligações entre grandes subconjuntos de atores (WASSERMAN; FAUST, 1994).

Radomsky e Scheneider (2007) evidenciam que Mark Granovetter chamou essas ligações de laços sociais e mostrou sua importância quanto a empregos nos mercados de trabalho. São os laços formados pelas relações, os responsáveis pelo sucesso. Conhecer os indivíduos é o que estrutura a rede. As maneiras de relação social se concretizam pelas atitudes recíprocas de coesão social, enquanto se busca pela igualdade como uma forma de sentir-se pertencente ao grupo com mais confiança para realizar empreendimentos e diminuir os riscos.

Os laços tornam-se um caminho para a coesão social. Granovetter (1973) ressalva que a força de um laço é determinada pela quantidade de tempo, intensidade emocional e reciprocidade que o caracterizam. Para o autor, um laço chamado “forte” é aquele que se estabelece sem nenhuma das partes que o formam ter outro laço forte, ou seja, a relação se estabelece apenas entre esses dois atores. Já os laços fracos são relações que não sofrem restrições, são pontes entre mais que dois indivíduos, são aqueles que o investimento é menor, como os que são mantidos por pessoas próximas. Por exemplo: existem três indivíduos: A, B e C. A mantém laço com B, e C mantém relações com B, mas também quer chegar até A. Assim, B se torna um laço fraco entre A e C. Por isso, as pontes locais se tornam caminhos mais curtos, já que C não precisa criar um laço forte com A. Os laços fortes raramente existem em grandes redes.

A partir da análise de tríades [...] e das pontes (ligações entre dois indivíduos situados em agrupamentos distintos e não conectados, a não ser por essa ligação que se torna a ponte entre os dois grupamentos), ele aprofunda a análise na direção de que são as relações fracas que importam para a expansão e força das redes. Intuitivamente, a explicação é simples: se dois indivíduos têm relações fortes, é provável que haja uma superposição em suas relações, e a rede, como um todo, é relativamente limitada. Assim, são

as relações fracas que ampliam os limites das redes, conectando grupos que não têm ligações entre si (MARTELETO; SILVA, 2004, p. 43).

Uma ponte local em uma rede social pode ser mais significativa do que uma única ligação entre dois setores, na medida em que ela, muitas vezes, é a única alternativa para muitos indivíduos. Apenas os laços fracos podem ser pontes de conexão entre esses setores, porque não são restritos. (GRANOVETTER, 1973).

Nesse sentido, para Granovetter (1973), os indivíduos com mais laços fracos estão em melhores posições para difundir o processo de inovação, pois alguns desses laços serão pontes locais. Esse processo se forma, porque a inovação inicialmente é impopular, mas se espalhará através dos laços fracos, e será mais propensa a receber apoio. Um laço forte não teria como emanar essa difusão. Já os laços fracos também são mais prováveis para que contatos não vinculados à rede sejam alcançados, visto que a proporção de pessoas envolvidas é maior. Além disso, essa prática permite que informações, ideias e influências que não pertencem à rede, cheguem até ela.

O fortalecimento das redes sociais se dá por meio da produção do capital social. São as regras de confiança, reciprocidade e cooperação que mantêm as relações dentro das redes, ou seja, é por meio desses elementos que os laços não são rompidos. O capital social se estrutura em redes de confiança e comprometimento e na ampliação das fontes de informação, conhecimento e acesso às instituições de poder (MARTELETO; SILVA, 2004).

Contudo, as redes, ao mesmo tempo que dificultam a entrada do indivíduo, que apenas quer se beneficiar sem contribuir, podem excluir novos participantes ou impor normas que prejudiquem determinados grupos dentro de uma comunidade. Faz-se assim, a ressalva de que nem toda forma de capital social é positiva, pode ser usado negativamente em uma rede gerando grupos corruptos e autoritários (MARTELETO; SILVA, 2004).

Diante disso, para que as redes produzam benefícios e o capital social seja um recurso positivo, seus atores devem ter o acesso a informação e compreender o funcionamento dessa rede. Assim, eles poderão tornar-se protagonistas no seu meio, sem deixar que as imposições lhe tomem conta, e que o conhecimento geral seja utilizado em prol de um bem comum. Um meio para se atingir a formação de redes e produção de capital social é, quando articulada da forma correta, a PA. Desse modo,

se justifica verificar como se organiza a rede social da uma Casa e quais são seus benefícios.

### **3 METODOLOGIA**

O presente trabalho caracterizou-se como documental de caráter exploratório. De acordo com Oliveira (2007, p. 69), a pesquisa documental “[...] caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação”.

O objeto de estudo é uma Casa Familiar Rural (CFR) localizada no Sudoeste do Paraná. A pesquisa partiu de uma hipótese pré-estabelecida, pela literatura pesquisada, que a PA é um método de ensino capaz de produzir capital social para o desenvolvimento da comunidade. Diante disso, buscou-se responder se existe e como se organiza a rede social da CFR em foco, ou seja, como se articulam os laços com outros indivíduos e instituições. Para tanto, a pesquisa se deu em 3 etapas.

Primeiramente, foi elaborada a revisão de literatura, apresentada nos itens anteriores. Em seguida foram analisados os Relatórios de Gestão da CFR participante, referente aos anos 2011, 2012 e 2013<sup>3</sup>, cujo objetivo foi verificar se os projetos elaborados possibilitavam a visualização de uma rede social e se havia a continuidade desses projetos. Os relatórios foram enviados pela própria instituição. A partir disso, foram realizadas discussões sobre como os resultados obtidos na pesquisa impactam no funcionamento da CFR e no próprio método da PA a partir das redes sociais para o desenvolvimento local. Por fim, as considerações finais trazem os aspectos mais relevantes da pesquisa.

### **4 ANÁLISE DOS RELATÓRIOS DE GESTÃO DE UMA CASA FAMILIAR RURAL DO SUDOESTE DO PARANÁ**

A Casa Familiar Rural participante da pesquisa está localizada no Sudoeste Paranaense e o Estado é um dos maiores produtores de cereais do Brasil, onde existe

---

<sup>3</sup>Foi autorizado o uso destes documentos pelos dirigentes da respectiva instituição.

a maior cooperativa de produção de cereais na América latina. A atividade agrícola é muito praticada pelas famílias, sejam pequenos ou grandes produtores (ANTUNES, *et al.* 2013). Assim, o intuito das Casas é preparar os jovens agricultores para o seu próprio desenvolvimento e do seu contexto de vida.

A CFR oferece o curso de ensino médio com qualificação em Agricultura para jovens, filhos de agricultores. No entanto, não oferece apenas um ensino técnico regular, pois se utiliza dos diferentes instrumentos pedagógicos da PA na busca por fazer do jovem um sujeito ativo em seu meio. Dessa forma, durante o ano letivo são realizados projetos com outras instituições, cuja finalidade é contribuir para a formação integral do jovem.

Adiante, segue um quadro dos projetos e parcerias, assim intitulados pelos Relatórios de Gestão, realizados durante os anos letivos de 2011, 2012 e 2013 com as instituições participantes e as atividades desenvolvidas.

**Quadro 1: Projetos e Parcerias da CFR - 2011, 2012 e 2013 (continua)**

<b>Projetos e Parcerias</b>	<b>Ano</b>	<b>Atividades</b>
<b>Arcafar/Sul</b>	2011, 2012 e 2013	Assessoria pedagógica, administrativa e disponibilidade de profissionais com formação técnica em tempo integral para a CFR.
<b>Instituição de Ensino Superior I</b>	2011	Aquisição de equipamentos para a CFR. Repasse da segunda parcela de bolsas a jovens estudantes da CFR.
<b>Instituição de Ensino Superior II</b>	2011	- Aulas de Informática - Doações de onze computadores usados, para a CFR. - Participação de alunos do curso de Sistemas de Informação como ouvintes de aulas ministradas na CFR. - Três alunas de cursos de Licenciaturas ministraram aulas teóricas e práticas na CFR. - Projeto de Saúde bucal.
	2012	- Participação de estagiários dos Cursos de Licenciatura; - Aulas de Informática semanais - Participação de professores em um Simpósio sobre a Pedagogia da Alternância em Seropédica no Rio de Janeiro de 07 a 10 de maio de 2012. - Intercâmbio com a comunidade estrangeira.
	2013	- Participação de estagiários de um Curso de Licenciatura; - Os jovens participam uma vez por alternância de aulas de inglês no curso de Licenciatura em Letras; - Intercâmbio com a comunidade estrangeira.
<b>Secretaria Estadual de Educação/ PR</b>	2011, 2012 e 2013	Professores cedidos pelo Estado a partir de uma escola base urbana; Assessoria administrativa; Fornecimento da merenda escolar.
<b>Entidade I</b>	2011	Os jovens participaram de aulas de violão e esperanto, ofertadas pela instituição sem fins lucrativos.

	2012 e 2013	Os jovens participaram de aulas de violão ofertadas pela entidade sem fins lucrativos.
<b>Prefeitura e Câmara Municipal Município I</b>	2012 e 2013	Apoio financeiro através de Subvenção para a manutenção da estrutura física e despesas com materiais de consumo e expediente. Disponibilização de veículo próprio para transporte de jovens entre a propriedade e a CFR.
<b>Prefeitura e Câmara Municipal Município II</b>	2012 e 2013	Apoio e disponibilização de veículo para transporte de jovens residentes neste município entre a propriedade e a CFR.
<b>Prefeitura e Câmara Municipal Município III</b>	2011, 2012 e 2013	Apoio financeiro através de Subvenção para a manutenção da estrutura física e despesas com materiais de consumo e expediente. Disponibilização de ônibus com motorista para o transporte escolar.
<b>Escola de Artes Município III</b>	2012	Duas vezes na semana os jovens participaram de atividades na Escola de Artes, como aulas de violão, ginástica, capoeira ou teatro.
<b>Colégio SESI</b>	2012	Minicursos sobre as vantagens de permanecer na escola e sobre ética aos alunos do 1º e 3º ano do Ensino Médio.
<b>Bovinocultura de leite. PRONATEC</b>	2012	Curso sobre Bovinocultura de leite.
<b>Jovem Agricultor Aprendiz - JAA</b>		Os jovens do 1º ano participaram durante o segundo semestre do ano letivo do curso sobre Gestão do Agronegócio.
<b>Intercâmbio com equipe das CFRs Francesas</b>	2012 e 2013	A CFR recebeu a visita de representantes das CFRs da cidade de Lion na França.
<b>Senar Paraná</b>	2013	Os jovens do 1º ano participaram durante o ano letivo de um curso sobre Gestão do Agronegócio.

**Fonte:** Dados da Pesquisa - Relatórios de atividades dos anos 2011, 2012 e 2013.

A maioria das atividades realizadas nesses três anos são em parceria com instituições governamentais que ajudam a manter o funcionamento da CFR. Além disso, as parcerias com as instituições sem fins lucrativos não possuem nenhuma relação direta, ou seja, são apenas ações pontuais realizadas durante o período letivo, com início e término estabelecido. São ações que possuem uma linearidade determinada e não estabelecem relações prolongadas com os demais atores, fragilizando os laços formados.

As únicas exceções são com a Associação das Casas Familiares Rurais do Sul do Brasil (Arcafar/Sul) e com o Governo do Estado do Paraná. A primeira é a representante do modelo da PA no Brasil e o segundo cede os professores para atuarem na CFR.

Além disso, nas atividades apresentadas não existe a participação das famílias. Isso acontece somente quando os alunos realizam visitas as propriedades, mantendo apenas a ação entre família e escola, como no caso da visita na propriedade de um dos jovens “[...] com o objetivo de conhecer os sistemas de produção da propriedade

do jovem” (RELATÓRIO DE GESTÃO DA CFR, 2013 p. 7). Nesse caso não há integração entre escola, família e comunidade.

Quando Granovetter (1973) aponta que a experiência pessoal dos indivíduos está ligada aos aspectos maiores da estrutura social, as ações pontuais demonstram a fragilidade que os atores, os jovens, terão para compreender toda a estrutura social a qual pertencem.

Um aspecto central na teoria do desenvolvimento endógeno está no fato de que os sistemas de empresas locais e a relação com as empresas parceiras formem mecanismos para a produção de processos de crescimento e mudança estrutural nas economias locais e regionais (OLIVEIRA, 2008). A CFR seria, portanto, esse sistema local que deveria oferecer mecanismos aos jovens, a partir da formação de uma rede com demais instituições que provesses a mudança da sua realidade.

Isso não significa que essas ações não são válidas, pelo contrário, elas promovem o acesso à informação e ao conhecimento. Elas deveriam, no caso, criar outro contexto. O que não acontece é a formação das pontes, as ligações entre os atores que estão em grupos diferentes e não conectados. Por mais que os jovens estejam ligados, por exemplo, à Instituição de Ensino Superior II pela CFR, não existe o envolvimento de mais nenhuma instituição nessa parceria, não há troca de valores e objetivos em comum. A finalidade apenas é repassar um conhecimento específico.

Muitas dessas ações sofrem com a descontinuidade a cada ano letivo. Três dessas ações são de caráter estrutural, ou seja, mantêm o funcionamento da CFR como o apoio pedagógico da Arcafar/Sul e da Secretária de Educação do Estado do Paraná (SEED). São atividades administrativas que não envolvem o jovem agricultor. As ações realizadas pela Entidade I e Pela Instituição de Ensino Superior II, sem finalidade lucrativa, apresentam continuidade, mas atuam de forma isolada.

A seguir é apresentado um quadro síntese que exemplifica a descontinuidade das ações realizadas entre a CFR e seus parceiros.

**Quadro 02: continuidade das parcerias com a CFR**

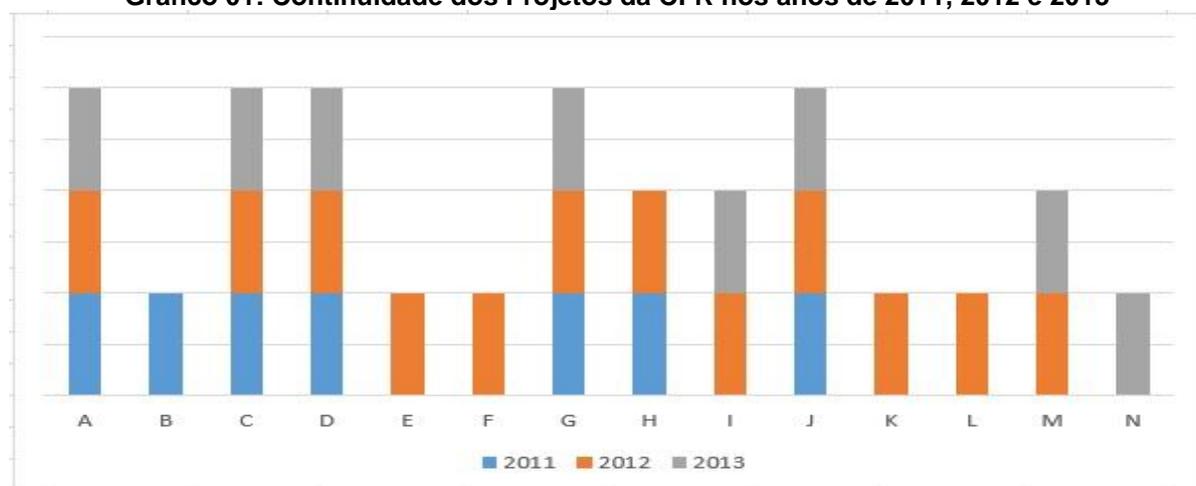
PROJETOS/ PARCERIAS	PERÍODOS		
	2011	2012	2013
a) Associação das Casas Familiares Rurais do Sul do Brasil – Arcafar/Sul	X	X	X
b) Instituição de Ensino Superior I	X		
c) Instituição de Ensino Superior II	X	X	X

d) Secretária Estadual de Educação – SEED/PR	X	X	X
e) Colégio SESI		X	
f) Escola de Artes – Município III		X	
g) Entidade I	X	X	X
h) Prefeitura Municipal e Câmara Municipal – Município I	X	X	
i) Prefeitura Municipal e Câmara Municipal – Município II		X	X
j) Prefeitura Municipal e Câmara Municipal – Município III	X	X	X
k) PRONATEC - Bovinocultura de leite		X	
l) Jovem Agricultor Aprendiz – JAA		X	
m) Intercâmbio com equipe das CFRs Francesas		X	X
n) Senar Paraná			X

**Fonte:** Dados da Pesquisa - Relatórios de atividades dos anos 2011, 2012 e 2013.

O gráfico abaixo representa de forma mais explícita a falta de continuidade das ações entre a CFR e as instituições parceiras. Nele, cada letra representa um projeto (como estabelecido no quadro anterior) e cada cor representa um ano. Como por exemplo, o Projeto A possui as três cores, isso significa que suas ações foram realizadas nos três anos letivos.

**Gráfico 01: Continuidade dos Projetos da CFR nos anos de 2011, 2012 e 2013**



**Fonte:** Dados da Pesquisa - elaborado a partir do quadro 02.

Dessa forma, é possível perceber que apenas cinco projetos mantiveram a continuidade de suas ações nos três anos em que os planos de gestão foram avaliados. Os projetos contínuos foram parcerias com: a Arcafar/Sul; Instituição de Ensino Superior II; SEED/PR; Entidade I e Prefeitura Municipal e Câmara Municipal do Município III. Dos cinco, três realizam ações quanto ao funcionamento e gestão da CFR como a colaboração com o transporte coletivo, e o fornecimento de professores

e monitores. Pode-se ressaltar, também, que 2012 foi ano com maior número de projetos envolvidos com a CFR.

Um dos problemas que pode resultar na descontinuidade e conectividade entre as ações é a falta de formação e informação adequada dos professores. Como é função do Governo do Estado, os professores que atuam nas CFRs vêm da escola regular urbana e geralmente não tem o conhecimento sobre o método adotado. Isso gera uma discrepância com as finalidades da PA. Além disso, os professores, muitas vezes, são contratados pelo Processo Seletivo Simplificado (PSS), e ao final de todo ano tem seus contratos encerrados. O que ocorre é um ciclo de corte de relações e mudanças, no qual a CFR está presa.

Essa rotatividade diminui o nível de confiança, tanto dos professores em realizar novas atividades, quanto dos jovens e das famílias, pois a cada ano tudo se inicia novamente. Essa confiança está relacionada com a produção do capital social na comunidade envolvida com a CFR, porque influencia na ação coletiva do grupo.

Durante uma pesquisa realizada por Antunes *et al.* (2013), pôde-se constatarem uma reunião das Casas Familiares Rurais do Sudoeste do Paraná, alguns aspectos que dificultam o funcionamento das CFRs. O primeiro deles foi a divergência de interesses entre os profissionais da PA, a saber, os responsáveis técnicos, denominados monitores, que buscavam seguir os princípios da PA, e os professores, que por desconhecer e manter resistência em compreendê-los, relutavam em adaptar suas formas de ensinar e utilizar os instrumentos pedagógicos. Isso gerou a desarmonia entre os funcionários. Os monitores não são funcionários do Estado, mas sim da Arcafar/Sul.

Um discurso simplório foi montado, pois os professores não conseguiam compreender o real motivo da PA para o desenvolvimento local. Esse discurso parte do modelo moderno de desenvolvimento em que a necessidade de mudança não se faz clara. Ensinar baseando-se no mesmo contexto da educação urbana foi a forma adotada por muitos professores que trabalham nas CFRs.

Como Marteleto e Silva (2004) afirmam, a rede social se fortalece pelas regras de confiança, reciprocidade e cooperação. No entanto, diante do impasse entre monitores e professores, esses aspectos tornam-se frágeis dentro do grupo e o nível de produção de capital social é reduzido.

Outro fator determinante é a falta de incentivo por parte do Governo Estadual. Não há nenhuma oferta de preparação aos professores e divulgação a comunidade em geral. Antunes et al. (2013) ressaltam que o Estado do Paraná concentra resistência em relação a continuar apoiando a PA e existe um conflito com a Arcafar/Sul. Os professores aprendem na prática como funciona o método.

Todos esses pontos trazem às relações do grupo insegurança e falta de comprometimento, o que limita o acesso à informação, conhecimento e a outros grupos sociais e institucionais. Esse cenário torna a produção do capital social frágil, pois dificilmente as ações dos projetos conseguem promover a confiança e a reciprocidade, uma vez que são interrompidas no decorrer dos anos letivos.

Para Putnam (1995b), a confiança é uma propriedade que emerge tanto de um atributo individual, quanto de um sistema social. Os indivíduos tornam-se capazes de ser confiantes devido às normas e redes sociais nas quais estão presentes suas ações. Assim, os estoques de capital social, como normas, redes e confiança tendem a acumular-se, formando círculos virtuosos que resultam na promoção do bem-estar coletivo.

É necessário ressaltar, que os jovens vêm de várias localidades rurais incluindo de outros municípios, que podem ser da mesma região ou não. Sendo assim, é o grupo formado na CFR que possibilitará a eles interações com outros grupos e determinar suas posições individuais e relações de proximidade e vínculos sociais que irão personalizar a inserção desses jovens no mercado por meio da aproximação em outros espaços.

O que ocorre, porém, são cooperações bilaterais. Essas são relações de troca de conhecimento, confiança, reciprocidade e de compra entre dois atores. A CFR em cada projeto mantém relação apenas com um ator, quando na verdade deveria formar cooperações multilaterais. Estas cooperações multilaterais, por sua vez, são relações de troca com diversos atores. A cooperação bilateral faz o jovem conhecer e interagir com um único ator, o que diminuí suas chances de crescimento, pois os possíveis riscos estão concentrados.

Em síntese, como não existe uma rede e as ações se concretizam apenas de forma pontual e isolada, os jovens podem não conseguir transcender o conhecimento adquirido e aplicá-lo em sua propriedade da forma objetivada pela PA. Não há o

fortalecimento da confiança e cooperação com a escola e comunidade, pois não existe uma horizontalidade nas relações.

Uma das características mais importantes na definição de rede é fato de proporcionar a horizontalidade entre os participantes e não em níveis hierárquicos. Parcerias com a Instituição de Ensino Superior II, por exemplo, poderiam ir além e envolver outros atores como a Entidade I e a Escola de Artes do Município III, juntamente com o Curso de Licenciatura em Letras da Instituição de Ensino Superior II, e assim promover uma interação cultural e de lazer para os jovens e suas famílias. A Instituição de Ensino Superior II, se resalta pela continuidade nessas ações, por conta de concentrar pesquisas em relação à PA.

Como a relação da Arcafar/Sul com o Estado é conturbada, a existência de uma rede social poderia fortalecer o espaço comunitário da CFR, uma vez que as redes são mediadoras que operam nas relações entre Estado e Sociedade (MARTELETO; SILVA, 2004), e dessa forma buscar maior incentivo por parte do governo.

A diminuição da conexão social apontada por Putnam (1995b), associada ao declínio da confiança social, torna-se maior ao passo da inexistência de redes sociais. Os jovens da CFR necessitam prover dessa conexão social para aumentar os seus níveis de confiança e principalmente para sentir o pertencimento ao contexto em que vive. A emigração das zonas rurais para urbanas e sua conseqüente desvalorização pode fazer com que esses novos agricultores não consigam estimar um futuro naquele contexto.

Todo o esforço dos profissionais que atuam na CFR, para alcançar os objetivos quanto ao pertencimento e valorização, poderia ser mais viável a partir da existência de uma rede social, da reorganização de suas relações. No entanto, para que isso ocorra é necessário que os obstáculos descritos anteriormente sejam superados e, assim, relações de confiança, cooperação e reciprocidade, além do acesso a novas informações e a novos atores, sejam estabelecidos, bem como o cumprimento dos princípios da PA com a integração efetiva entre escola, jovens, família e comunidade.

Os instrumentos pedagógicos possibilitam a construção de um caminho que integre esses aspectos, pois buscam envolver seus atores. Assim, podem ser a chave para a formação de uma rede social, como as pesquisas e visitas de estudos, as

intervenções externas e o projeto de vida de cada um. É por meio deles que se conhecem novos atores e novas informações.

No entanto, para que os instrumentos funcionem corretamente, os professores devem receber a formação adequada à PA, por parte do Governo, a fim de evitar o ciclo de troca docente, trabalhando em harmonia com os monitores. Dessa maneira, a confiança seria estabelecida, primeiramente, entre funcionários, jovens e suas famílias. Além disso, o Estado também seria beneficiado diante do fortalecimento da produção rural.

Como os princípios da PA são baseados na formação integral e no desenvolvimento do meio articulados a associação de pais, mestres e comunidade pelo método da alternância, as relações estabelecidas permitiriam a discussão sobre a diversidade, o diálogo entre os atores sociais, a valorização das suas especificidades e o debate político, social e econômico.

Conforme Granovetter (1973) afirma, as redes e seus laços são a base para alcançar o controle individual. Quanto mais fortalecidas elas forem, maior será a chance dos jovens, que buscam o crescimento de sua propriedade, atingirem seus objetivos.

Consequentemente, o acúmulo de capital social será gradativo. Isso possibilitará atender as necessidades dos jovens e da comunidade local, por meio da participação ativa de todos, além da aquisição de informação conhecimento aplicados na unidade produtiva para modernizar a produção e estimular seu crescimento. A finalidade compartilhada é buscar o desenvolvimento para atingir o bem estar social, econômico e político, além da valorização das especificidades da comunidade do campo.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Pedagogia da Alternância trata-se de um modelo de ensino com articulações diferentes da educação tradicional, o que possibilita o desenvolvimento a partir das condições locais de produção. Além disso, por buscar integrar a família e a comunidade no processo formativo, amplia as possibilidades de formação de redes sociais por meio do fortalecimento de relações formais e informais com outros atores

que buscam os mesmos princípios. Desse modo, o presente estudo buscou analisar os Relatórios de Gestão de uma CFR localizada no Sudoeste do Paraná, com intuito de verificar como se organiza a rede social formada por essa instituição, bem como, quais os desdobramentos gerados por ela.

Contudo, concluiu-se que não existe uma rede social formada pela CFR e seus parceiros. Apenas ações pontuais foram realizadas durante os anos letivos analisados. São ações que não compartilham objetivos, e por isso não mantêm nenhuma horizontalidade, apenas servem como fontes de acesso a novas informações e aquisição de conhecimento. Não há o envolvimento de vários atores em um mesmo projeto, nem a inserção das famílias e comunidade no desenvolvimento das atividades.

Foram identificados, pela análise e pesquisas anteriores, alguns percalços que contribuíram para a formação desse cenário, como a falta de formação adequada ao modelo para os docentes, a rotatividade dos professores, o desconhecimento e a falta de interesse dos mesmos em atuar de acordo com a PA, além da falta de incentivo do Governo Estadual e seus impasses com o órgão não governamental responsável pelas CFRs no sul do país, a Arcafar/Sul.

Esses pontos, possivelmente, contribuíram para que as relações dos jovens e famílias com outras instituições se tornassem frágeis. Os níveis de confiança e cooperação tornam-se ameaçados e mesmo com todos os esforços da CFR, os jovens não formaram laços que pudessem contribuir com o aumento da produtividade e crescimento econômico, além das técnicas adquiridas durante o ano letivo.

Como a PA envolve essa interação, ela busca a formação para além da vida escolar, a existência de uma rede social promoveria esse processo contínuo de aprendizagem e desenvolvimento. As redes permitem o acesso a informação e inovação. Os atores definem suas identidades e passam a agir por um objetivo comum, o que delimita uma relação horizontal e não hierárquica. Quando isso é atingido, a produção de capital social é mais fácil, pois são estabelecidas regras de confiança, cooperação e reciprocidade que formam um ciclo dentro da rede que podem ser utilizadas por todos os membros do grupo.

Por fim, a CFR em questão tem relações com atores que podem formar uma rede social, pois apresentam continuidade em algumas atividades, e assim contribuir

para o desenvolvimento local. Para que isso aconteça é necessário que os entraves colocados sejam dissolvidos e que as ações mudem, deixem de ser bilaterais e passem a ser multilaterais. Ademais, a formação do jovem do campo será mais completa.

### **NAYARA MASSUCATTO**

Graduada em Licenciatura em Letras Português/Inglês pela UTFPR, e mestranda bolsista do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional pela mesma instituição. Participa do Projeto de Pesquisa "Referenciais Teóricos e Metodológicos da Educação do Campo: a Pedagogia da Alternância

### **MARCOS JUNIOR MARINI**

Doutor em Tecnologia pela UTFPR, Campus Curitiba, e Mestre em Informática pela UFPR. Possui especializações em Metodologia do Ensino Tecnológico e Informática Educativa ambas cursadas na UTFPR, Campus Curitiba. Possui graduação em Processamento de Dados pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (1992). Desde 1994 é concursado como professor efetivo da UTFPR, Campus Pato Branco.

### **ANTONIO CAVALCANTI DE ALMEIDA**

Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Possui Pós-Doutorado na Área de Antropologia e subárea de Etnologia Indígena, sendo Bolsista Capes no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UTFPR.

## **REFERÊNCIAS**

ABU-EL-HAJ, J. O debate em torno do capital social: uma revisão crítica. *BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, n. 47, p. 65-79, jan./jul. 1999.

ANTUNES, L. C. MASSUCATTO, N. *Subsídios didático-pedagógicos para a disciplina de língua portuguesa no ensino médio no contexto da Pedagogia da Alternância. Trabalho de Conclusão de Curso*. Licenciatura em Letras Português/Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, Campus Pato Branco. 2013.

BEGNAMI, J. B. *Formação pedagógica de monitores das escolas famílias agrícolas e alternâncias: um estudo intensivo dos processos formativos de cinco monitores*. 2003. Dissertação (Mestrado) - Universidade Nova de Lisboa/Universidade François Rabelais/UNEFAB. Brasília. 2003.

COLEMAN, J. S. Social Capital in the Creation of Human Capital. *The American Journal of Sociology*, Vol. 94, Supplement: Organizations and Institutions: Sociological and Economic Approaches to the Analysis of Social Structure. p. S95-S120, 1988.

GARCIA-MARIRRODRIGA, R.; CALVÓ, P. P. *Formação em Alternância e desenvolvimento local: o movimento educativo dos CEFFA no mundo*. Belo Horizonte: O Lutador, 2010.

GRANOVETTER, M. S. The Strength of Weak Ties. *American Journal of Sociology*, Volume 78, Issue 6, May, p. 1360-1380. 1973.

MARTELETO, R. M. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n.1, p. 71-81, 2001.

MARTELETO, R. M.; SILVA, A.B. O. Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local. *Ci. Inf., Brasília*, v. 33, n. 3, p.41-49, set./dez. 2004.

MORENO, J. L. *Who shall survive? Foundations of Sociometry*, Group Psychotherapy and Sociodrama Washington, DC: Nervous and Mental Disease Publishing Company, Washington, DC, 1934.

PERONDI, M. A. *Diversificação dos meios de vida e mercantilização da agricultura familiar*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Faculdade de Ciências Econômicas. Doutorado em Desenvolvimento Rural. Porto Alegre. 2007.

PUTNAM, R. Bowling Alone: America's Declining Social Capital. *Journal of Democracy*. Baltimore, MD, January, v. 6, n.1p. 65-78.1995a.

\_\_\_\_\_. Capital Social e Democracia. In: *Braudel Papers*. Edição nº 10. Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, Brasil, 1995b. Disponível em: <<http://pt.braudel.org.br/publicacoes/braudel-papers/10.php>>. Acesso em: 16 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. *Comunidade e democracia: A experiência da Itália moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

OLIVEIRA, M. M. *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis, Vozes, 2007.

OLIVEIRA, G. C. P. G. Desenvolvimento Local e Desenvolvimento Endógeno: redes de cooperação. In: *4º Encontro de Economia Gaúcha*. PUC –RS. 29 e 30 de maio de 2008.

RADOMSKY, G. F. W.; SCHNEIDER, S. Nas teias da economia: o papel das redes sociais e da reciprocidade nos processos locais de desenvolvimento. *Sociedade e Estado*, Brasília, v.22, p.49-284, 2007.

SCOTT, J. *Social network analysis: a handbook*. 2nd ed. London, GB: Sage Publications, 2000.

TEIXEIRA, E. S; BERNARTT, M.; TRINDADE, G. A. Estudos sobre pedagogia da alternância no Brasil: revisão de literatura e perspectivas para a pesquisa. *Educação e Pesquisa*, v. 34, n. 2, p. 227-242, mai/ago, 2008.

TEIXEIRA E. S. ANTUNES, L. C. Casas familiares rurais e desempenho escolar: um estudo na região sudoeste do Paraná. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 11, n. 34, p. 951-969, set./dez. 2011.

UNIÃO NACIONAL DAS ESCOLAS FAMÍLIA AGRÍCOLA DO BRASIL (UNEFAB). *Instrumentos Pedagógicos utilizados pela Pedagogia da Alternância*. 2014. Disponível em: <<http://www.undefab.org.br/>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

WASSERMAN, S; FAUST, K. *Social network analysis: methods and applications*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1994.

Artigo recebido em junho de 2015.  
Aprovado em abril de 2016.



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)